

COM QUE CONDIÇÕES SEJA LOUVÁVEL
O EXERCÍCIO DA CAÇA
MANUEL SEVERIM DE FARIA

INTRODUÇÃO E NOTAS
ANTÓNIO CELSO MANGUCCI



COM QUE CONDIÇÕES
SEJA LOUVÁVEL
O EXERCÍCIO DA CAÇA

Manuel Severim de Faria



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

CHAIA
CENTRO DE HISTÓRIA DA ARTE
E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA



Editora Aflições Climáticas, 2025

COM QUE CONDIÇÕES
SEJA LOUVÁVEL O EXERCÍCIO DA CAÇA

Manuel Severim de Faria

Introdução e notas: António Celso Mangucci

Capa e layout: Romílson Gráfico

Revisão: Vera Soares, Nina Basílio

ISBN: 978-972-778-445-5

© **Todos os direitos reservados**

Coleção Biblioteca Eborense

Coordenação editorial: Beatriz Marchesini

**COM QUE CONDIÇÕES
SEJA LOUVÁVEL
O EXERCÍCIO DA CAÇA**

Manuel Severim de Faria

Introdução e notas
António Celso Mangucci

Nota sobre a presente edição

Os *Discursos varios politicos* foram reeditados em 1791 e, novamente, em 1805, sempre com o desejo de manter o texto integral da primeira edição, acompanhada pelo autor e impressa na tipografia da Universidade de Évora em 1624. Como indicamos na bibliografia, tanto a original quanto as seguintes encontram-se digitalizadas e disponíveis online.

A única edição do século XX, da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, publicada em 1999, com introdução e notas de Maria Leonor Vieira, propôs uma atualização ortográfica, mas manteve alguns aspetos da escrita seiscentista que considerou relevantes como marca histórica do texto.

Tendo em conta esse conjunto editorial, na presente edição optamos por modernizar a grafia segundo o acordo ortográfico de 1990, com a adaptação também da pontuação, a normalização da utilização de

maiúsculas e a utilização da grafia agora prevalente, como nos casos de assi/assim, sometem/submetem, malencónicos/melancólicos, compreição/compleição etc.

Assumindo as intenções didáticas do chantre de Évora, o extenso corpo de notas pretende revelar a complexidade do texto aos leitores contemporâneos, com a identificação pormenorizada da bibliografia citada, acompanhada por esclarecimentos gerais sobre autores, personagens e locais citados, além da explicitação dos sentidos atualmente menos usuais de alguns vocábulos. Como apresentamos em nota a tradução das citações latinas presentes no texto, mantivemos inalteradas as versões que o autor utilizou ou adaptou no seu discurso, que podem constituir um auxílio prestimoso na interpretação da leitura proposta por Severim de Faria.

Introdução

O ensaio do historiador Manuel Severim de Faria sobre a legitimidade da prática da caça, publicado em 1624, ficou praticamente esquecido, um pouco deslocado e incompreendido, em meio à importância cultural, acrescida ao longo dos anos, da biografia do poeta Luís de Camões ou da do historiador João de Barros, que receberam a melhor atenção da crítica aos *Discursos vários políticos*.

Segundo anotação à margem do manuscrito,¹ o discurso foi proferido em 22 de julho de 1622 e fazia parte de uma série, que incluía os textos *Das partes que há de haver na linguagem para ser perfeita, e como a portuguesa as tem todas, e algumas como eminencia de outras línguas* (8 de agosto de 1622) e *Vida de João de Barros*,

1. O manuscrito intitulado *Livro da noticia de Portugal e Estados sujeitos a sua coroa: em que se trata da milicia do reyno da Biblioteca Nacional de Portugal* (códice 917) conserva uma versão do discurso muito próxima da final, com poucas correções e emendas. Sobre a obra de Severim de Faria, veja-se o ainda útil texto de José Leite de Vasconcelos, 1914.

em que se discorre sobre os preceitos da História e perfeição com que escreveu as suas Décadas da Ásia (1º de novembro de 1622).² Comprovadamente, todos recuperam os discursos elaborados para as academias eborenses, particularmente ativas nas primeiras décadas do século XVII, animadas por nomes como o do poeta Manuel Pires de Almeida,³ ou do vigário-geral da diocese de Évora, Luís da Silva Brito.⁴

2. As datas constam das respetivas cópias manuscritas que também fazem parte do volume da Biblioteca Nacional de Portugal identificado na nota 1.

3. O longo debate em torno da obra de Luís de Camões que envolveu, entre outros Severim de Faria, Manuel Pires de Almeida (1597-1655) e Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) tornou-se a face mais conhecida dos trabalhos desse período das academias eborenses. Para uma visão geral das repercussões dessa controvérsia literária veja-se o estudo de Maria Lucília Gonçalves Pires, *A crítica camoniana no século XVII*, 1982. Sobre a importância da obra teórica do poeta Pires de Almeida, veja-se a introdução de Adma Muhana ao tratado *Poesia e pintura ou pintura e poesia*, 2002.

4. O poeta Luís da Silva Brito, o "Enciclopédico" da Academia Sertória de Évora (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, volume III, p. 137), reconhecido pela elegância da expressão latina, também se ocupou em preparar uma edição comentada d'*Os Lusíadas*, como informa o chantre de Évora (Severim de Faria, 1624, p. 130v).

Para adensar o inusitado do texto, o chantre de Évora não elaborou uma oração académica sobre os prazeres da caça ao veado ou ao javali, sobre o manejo do cavalo, o cuidado dos cães ou o adestramento das aves de rapina que faziam o principal da apreciada literatura sobre a arte venatória.

A atenção do cónego da Sé, desde a infância radicado em Évora, recaiu sobre a prática dessa atividade como diversão, uma vez que, afastada da situação natural de subsistência, a aristocracia via na caça um meio de exercitar o corpo e as armas para desenfado das obrigações e dos negócios do governo. Realizadas em coutadas artificialmente mantidas, as caçadas já não são uma atividade para prover alimentação e vestuário e, portanto, praticam-se numa situação diversa da caracterizada por Aristóteles – que Severim de Faria, como boa parte da intelectualidade formada nos colégios jesuítas, considerava uma referência basilar.

Na preleção, apresentada provavelmente na Academia dos Ambientes,⁵ o orador colocou-se numa posição semelhante à do jurista Pedro Núñez de Avendaño, que, no seu compêndio sobre o direito jurídico civenético, explicou que não cabia aos caçadores, mas sim aos letrados, mesmo que nada soubessem de montarias e falcoarias, examinar as leis que regulamentavam a atividade:

Empero assi como una cosa es la guerra y el ordenar de las batallas y esquadrones: y outra cosa es saber quando y en que casos es licito usar de la guerra e contra que personas: porque lo primero pertenesce a los capitanes ordenallo: y lo segundo a los letrados: e jurisperitos discernillo. Por el semejante en esta materia de caça a vuestra señoria y otros señores y cavalleros pertenesce

5. Onde, segundo o testemunho de Pires de Almeida, Severim de Faria apresentou, nesse mesmo ano de 1622, *A vida de Luís de Camões*, que também faz parte do volume dos *Discursos varios politicos*. Ver: Maria da Conceição Ferreira Pires, *Os académicos eborenses na primeira metade de Seiscentos*, 2003, pp. 36-38.

*por si y por sus caçadores saber con que aves y con que perros y con que tiempo se a de caçar: y a los letrados toca saber quando sin offensa de Dios y del proximo se pueda esto vazer.*⁶

Para demonstrar a importância do tema, com seu profundo conhecimento da história nacional, o cónego da Sé de Évora citou de passagem o episódio em que os conselheiros do rei D. Afonso IV recriminaram o tempo despendido nos prazeres da caça em detrimento da atenção aos negócios do governo da República. Vale a pena retomar a história contada pelo cronista Duarte Nunes de Leão para compreendermos como as questões morais se mesclavam com as da política:

Pelo que indo el Rei de Lisboa ao termo de Sintra à caça, onde esteve perto de um mês, a tempo, que tratava em

6. Pedro Núñez de Avendaño, *Aviso de caçadores, y caça*, 1593, prólogo. Não temos indicação de que Severim de Faria tivesse conhecimento da obra do jurista do Supremo e Real Conselho de Castilha.

conselho negócios de importância sobre o regimento do reino, vendo os do concelho, quão mal se havia naqueles começos, por uma leviandade, quando veio, e tornou ao conselho, depois que ele falou o que passara na caça, um dos conselheiros, por acordo de todos lhe disse: senhor deveis de emendar a ordem que levais, e lembrar-vos que nos sois dado por rei, para nos regerdes e por isso vos damos nossos tributos e mantemos na honra em que estais, e vós tomais a caça por ofício, e o governo de vosso reino por passa tempo, sendo certo que Deus não vos há de pedir conta dos porcos ou veados, que não matastes, senão das partes que não ouvistes, e dos negócios de vossa obrigação que não despachastes, como agora fizestes, que estando no meio de cousa tão importante à República, deixastes o conselho que ereis tam necessário, e fostes à caça por tantos dias, e nós aqui ociosos, esperando por vós. Levai outro caminho, e se não. El rei que de sua condição era agastado e bravo, como tinha por sobrenome, ouvindo palavra tão insolente,

*respondeu muito indignado: Se não? Ao que todos do conselho responderam: Se não buscaremos rei que governe em justiça e não deixe de governar seus vassallos por andar após as bestas feras.*⁷

Como os conselheiros fizeram notar ao rei, as caçadas, em prazer desmedido, ao tomarem o lugar das importantes tarefas governativas cada vez mais complexas e exigentes, constituíam um desvio ao estatuto da nobreza como definido pelas leis divinas, caucionadas pelas boas práticas das sociedades humanas.

Para tornar a narrativa do episódio ainda mais elucidativa, o desembargador do Tribunal da Suplicação aproveitou o ensejo para fazer uma crítica aos conselheiros de seu tempo que não se pautavam pelos costumes moderados de antigamente, vendendo-se por sinecuras a troco de adulações, deixando de cumprir o papel moralizador essencial para o bom governo do Estado:

7. Duarte Nunes de Leão, *Primeira parte das Chronicas dos reis de Portugal*, 1600, pp. 135-135v.

Desta maneira usavam os conselheiros daqueles tempos passados, livres da avareza, ambição, e luxo dos tempos presentes. Porque se contentavam com uma vida simples, e santa sobriedade. Pelo que como comiam, vestiam e edificavam com pouco, não tinham necessidade de muito, nem traziam com seus reis continuos requerimentos, porque perdessem a liberdade, que é o fundamento e a alma dos conselhos.⁸

É no papel de conselheiro, da elite intelectual que constitui a burocracia do Estado, e nos elevados padrões morais de comprometimento com a administração pública que se revê o próprio Severim de Faria que, nesse momento, sentia-se ameaçado de marginalização, depois de o centro do poder político deslocar-se para Madrid.⁹

Certamente, o chantage de Évora – que possuiu uma das melhores bibliotecas de Portugal – rir-se-ia das notas em que indicamos algumas edições dos livros que,

8. Duarte Nunes de Leão, 1600, p. 135v.

doados pelo arcebispo D. Teotónio de Bragança ao Mosteiro da Cartuxa, poderiam ter sido consultadas para a elaboração do presente discurso.¹⁰

Pior reagiria ainda se fossem entendidas como uma tentativa de caucionar o substrato erudito do texto, numa espécie de reação contrária à visão do discurso académico como uma somatória vazia e incongruente de personagens bíblicos e mitológicos com autores clássicos e religiosos. Em larga medida, a obra de Severim de Faria, como é o caso do presente ensaio, explora novos terrenos, conjugando informações de diversas áreas e não é refém, apesar da admiração e do respeito, dos pensadores citados.

9. Dando voz a essa preocupação premente, os *Discursos vários políticos* abrem com uma exortação ao rei Filipe IV de Espanha, então nos primeiros anos de governo, para fixar a corte em Lisboa (Severim de Faria, 1624, pp. 1-21v).

10. Para uma descrição dos fundos da biblioteca do Mosteiro da Cartuxa com as obras doadas pelo arcebispo D. Teotónio de Bragança, depois da sua morte em 1602, veja-se o artigo de Belmiro Fernandes Pereira, 1995, pp. 845-860, e a monografia de Francisca Mendes, 2016.

Apesar da descrição do bibliófilo Barbosa Machado,¹¹ que admirou extasiado as raridades da *Crónica de D. Afonso Henriques* com letra do punho de André de Resende;¹² ou as obras de frei Luís de Granada,¹³ em japonês, ou ainda os hieróglifos egípcios em papiros; e dos elogios do arcebispo historiador D. Rodrigo da Cunha¹⁴ ou do polígrafo Manuel de Faria e Sousa, desconhecemos o essencial da biblioteca de Severim de Faria, e as notas servem, no essencial, para consubstanciar o quadro de referências bibliográficas que permitem que o leitor se aproxime do texto e acompanhe a pertinência das citações

11. Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, 1741-1759, volume III, p. 369.

12. Nascido em Évora, o humanista André de Resende (1498-1573) foi a figura tutelar na qual se espelha a atividade intelectual de Severim de Faria.

13. Entre as obras do dominicano frei Luís de Granada (1504-1588), confessor do cardeal D. Henrique, destacam-se as obras morais e um tratado de retórica eclesiástica, de larga divulgação na época.

14. Sucessivamente bispo de Portalegre e do Porto, e arcebispo de Braga e Lisboa, D. Rodrigo da Cunha (1577-1643) escreveu uma defesa do primado da Sé de Braga sobre todas as dioceses de Espanha, um dos temas centrais da história política e religiosa de Portugal.

filosóficas e históricas da argumentação do orador.

Seja pela qualidade das obras literárias, seja pelos conselhos, pela troca de correspondência, pelas intervenções em polémicas eruditas ou por disponibilizar a biblioteca pessoal para consulta dos historiadores, Severim de Faria criou uma formidável rede de literatos que fizeram questão de manifestar o seu apreço, muitas vezes nas obras que acabavam de imprimir.¹⁵

Logo no princípio do discurso, Severim de Faria declara que vai falar com liberdade, no espaço ideal da academia. Certamente essa não é uma liberdade que se justifica pelo desafio à ordem instituída, aos princípios cristãos ou pela falta de compromisso com os destinos do reino de Portugal. Como quer o autor, essa é a liberdade da

15. Como fizeram os padres Manuel Xavier, na obra *Vitórias do governador da Índia*, Nuno Alvarez Botelho (1633), e António Francisco Cardim, na *Relaçam da viagem do galeão São Lourenço* (1651), que dedicaram as obras ao chantre de Évora. Para uma compilação exaustiva da fama de Severim de Faria, veja-se a introdução de Maria Leonor Soares Albergaria Vieira na edição dos *Discursos vários políticos* de 1999.

assembleia da razão, onde se reúnem os sábios que não se deixam arrastar pelas paixões e, por isso mesmo, guiam-se pela moderação, na procura de uma posição justa.

Essa finalidade obriga o autor a construir, na melhor tradição da dialética neoescolástica cultivada pelos jesuítas, os diversos argumentos a favor e contra o exercício da caça.

A erudição, com a citação de um formidável elenco de autores, está ao serviço de um minucioso exame das questões que se multiplicam em várias secundárias: a caça organizada pelo Estado para proteção das populações, a caça como exercício militar, a caça como prática física para um corpo saudável, a caça como potenciadora de comportamentos violentos e antissociais, a caça aliada da castidade mas inimiga dos estudos etc.

Numa estrutura exemplar, com enorme agilidade intelectual, Severim de Faria apresenta os exemplos em benefício de uma e outra opinião, abrangendo um amplo arco cronológico, desde o primeiro império dos assírios, passando pelos persas, gregos e

romanos até o tempo em que escreve. De igual modo, a amplitude geográfica da caça dos mais diversos animais estende-se do Oriente ao continente africano, com o rigor dos dados temperados pela suave lição dos melhores poetas, entre os quais imperam as figuras tutelares de Virgílio e Camões.

Só depois desse exame rigoroso é que o autor vai formular três hipóteses preliminares para chegar a uma conclusão, na qual transparece o peso da da opinião dos médicos, que recomendam a caça como exercício físico apenas aos jovens adultos robustos, com moderação, evitando os períodos mais quentes e frios do ano.

No prefácio, o autor considerou o conjunto dos *Discursos* um exercício preparatório para as obras de maior fôlego, ainda que não deixasse de considerar de interesse para instrução da elite dirigente:

...os quais escolhi, entre outros, assim pelo que devemos ao bem publico deste reino, como por serem vários, e tratarem de materias até agora não escritas

*no nosso vulgar, sendo dignas de ter delas notícia, todo o homem politico.*¹⁶

Se pensarmos na cuidadosa escolha dos temas dos tratados, que principia com a questão existencial da fixação da corte em Lisboa e segue com o exame da historiografia de João de Barros e Diogo do Couto, da gramática da língua portuguesa, da poética de Camões, do exercício físico proporcionado pela caça e da história eclesiástica do traje religioso, podemos estabelecer um paralelo virtuoso entre a formação dos jovens nobres e o núcleo central do programa da universidade jesuíta eborense, como anos depois Severim de Faria vai recordar no prefácio das *Notícias de Portugal*:

*No ano de 1625, dei a estampa alguns discursos e elogios para instrução política das artes em que se deviam de ser doutrinados os mancebos nobres da Republica, conforme os preceitos do Filósofo [Aristóteles].*¹⁷

16. Manuel Severim de Faria, 1624, prefácio.

17. Manuel Severim de Faria, 1655, prefácio.

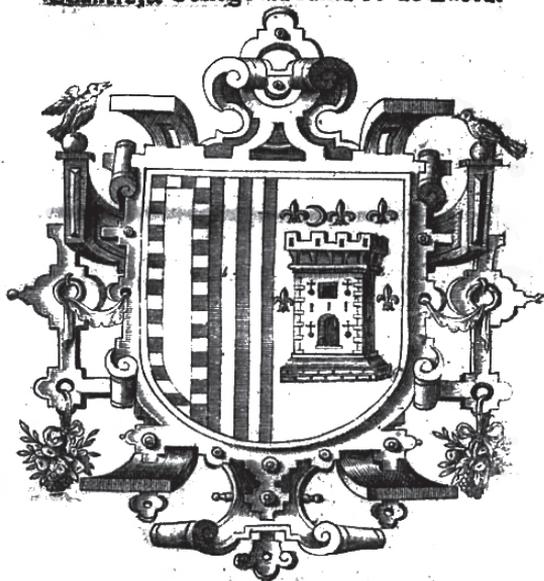
É a profunda ligação da estrutura lógica do texto com os vetores essenciais da cultura da época, e com os valores ideais da elite dirigente do país, que faz do *Com que condições seja louvável o exercício da caça* um ensaio exemplar do pensamento seiscentista em língua portuguesa.

António Celso Mangucci

DISCURSOS

VARIOS POLITICOS

POR MANOEL SEVERIM DE FARIA
Chantre, & Conego na Santa Sê de Evora.



Com as licenças necessárias.

EM EVORA Impressos por Manoel Carvalho
Impressor da Vniversidade. Anno 1624.

COM QUE CONDIÇÕES SEJA LOUVÁVEL O EXERCÍCIO DA CAÇA

Manuel Severim de Faria

A FRANCISCO DE FARIA,
alcaide-mor de Palmela¹⁸

18. Matriculado como cavaleiro da Ordem de Santiago desde 1550, Francisco de Faria foi mencionado, com reconhecimento, na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, por o ter contratado como secretário, para depois o indicar a D. Jorge, mestre de Santiago (Francis Dutra, 2002, pp. 109-110). O alcaide foi responsável pelo cumprimento do testamento de sua tia D. Maria de Vilhena, com a dotação de uma capela do convento do Carmo em Évora, onde trabalhou o pintor Isbrant de Renoy, num processo acompanhado por outra documentação de âmbito familiar, cuja cronologia se estende até 1626 (Joana Braga, 2016).

Sendo o exercício da caça usado por recreação de muitos, com dificuldade se pode dar nele juízo, de maneira que satisfaça a todos; porque, como as leis do gosto sejam tão poderosas, que levam após si e quase arrastam o entendimento humano, como já o considerou o poeta latino, quando disse:

*Trahit sua quemque voluptas.*¹⁹

Mal poderá consentir com liberdade no que se disser contra a caça quem tiver posto seu gosto nela. Porém, como isto é obedecer a rogo de quem pode mandar, e se escreve só para sábios, os quais por serem tais dominam as estrelas e submetem à razão sua inclinação natural, tratarei a matéria com liberdade, pois, faltando aos que a hão de julgar ânimo apaixonado, não poderá deixar de ser acertada a sentença.

Caça chamamos vulgarmente aquela arte que ensina a prender e matar as aves e os

19. Virgílio, *Éclogas*, II, 65. "Cada um é arrastado pela sua própria paixão."

animais da terra.²⁰ Este nome, segundo alguns, tomamos de *caccia*, palavra italiana, derivada do verbo *cacciare*, que quer dizer lançar fora; porque a caça, para que se possa tomar, é necessário as mais das vezes levá-la do lugar onde está.

Podemos dividir a caça, comodamente, em montaria e volataria. A montaria, tomando largamente o vocábulo (como dizem os lógicos), é a caça que, com cães e armas, mata os animais do campo, posto que mais propriamente a montaria é só aquela que se faz de ordinário contra os animais silvestres, e aos ferozes a cavalo, e com armas; e como estes animais, por serem de sua natureza mais sáfaros, não descem ao raso, e se escondem sempre nos montes por razão do lugar, se chamou a tal caça montaria.

Dela foi inventora quase a mesma natureza, porque vendo os homens em seus princípios o dano, que dos animais bravos recebiam, e achando-se juntamente faltos

20. Sebastián de Covarrubias Orozco, *Tesoro de la lengua castellana, o española*, 1611 [nota do autor, à margem]. A obra do capelão de Felipe II é a principal referência lexicográfica da língua espanhola do século XVII.

de mantimentos e reparos com que se sustentassem e defendessem o corpo das injúrias do tempo, perseguiram os animais, para sua segurança, sustentação e vestido, como hoje fazem os mais dos habitantes do Novo Mundo. E por isso diz o filósofo que é esta caça natural, e justa, como se vê destas palavras do 5º capítulo de sua primeira *Política*:

*Fera vero (sub intelligitur, sunt creata, etsi non omnia at plurima illorum) propter cibum, et alia alimenta, ut et vestes, ac cætera instrumenta exillis fiant. Si igitur natura nihil neque imperfectum facit, neque frustra, manifestum est, illa omnia hominum gratia fecisse naturam, qua propter, e bellica secundum naturam quodammodo acquisitiva erit: nam et venatoria pars illius est, qua uti oportet contra bestias, e contra homines, qui ad parendum nati sunt, nec volunt parere, quia natura id bellum iustum existat etc.*²¹

21. "Os animais selvagens foram criados (senão todos, pelo menos a maior parte), para alimentação e outras carências, de modo a obtermos vestes e outros instrumentos a partir deles. Se a natureza nada faz de imperfeito ou em vão, então necessariamente

A volataria é caça de aves que se faz com outras de rapina, e dela tem por opinião Ludovico Guiciardino,²² que não foi conhecida dos Antigos; senão, que depois de instituído o Império Romano a acharam os flamengos, e que eles foram os primeiros que inventaram domar as aves de rapina a fazê-las obedientes, e os que deram os preceitos da cetraria,²³ que é a arte que

criou todos esses seres em função do homem. Eis porque a arte da guerra será, num certo sentido um modo natural de aquisição, de que a caça é uma parte, a ser utilizada contra as feras e mesmo contra aqueles homens que, destinados a ser governados, recusaram sê-lo, dado que este tipo de guerra é justo por natureza." Aristóteles. *Política*, livro 1, 1256b, 17-26. Seguimos a tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes (Aristóteles, 1998, p. 75).

22. Lodovico Guicciardini, *Descrittione di M. Lodovico Guicciardini, patritio fiorentino, di tutti i Paesi Bassi*, 1583, pp. 37-39 [nota do autor, à margem]. A obra do comerciante italiano Lodovico Guicciardini (1521-1589), a primeira a descrever os Países Baixos como uma unidade territorial com uma identidade própria, foi luxuosamente editada, acompanhada por mapas e dedicada a Filipe II, de Espanha.

23. Tipo de caça realizada com aves de rapina amestradas. Em Mértola, entre os fragmentos do mosaico do deambulatório do baptistério paleocristão (século VI) representa-se um cavaleiro com um falcão, num indício de que a introdução dessa técnica cinegética na Península Ibérica é anterior ao domínio árabe. Ver: Virgílio Lopes, 2016, pp. 312-316.

com que elas se faz, e curam, e diz, que do norte levou esta caça à Itália o imperador Federico Barbaroxa,²⁴ e se derivou por todas as partes de Europa. A isto parece que ajuda em parte Hieronimo Mercurial,²⁵ que no livro 3, capítulo 15 de sua *Gymnastica* afirma, com Julio Firmico,²⁶ que no tempo de Constantino Magno²⁷ se começou a usar da volataria. Porém, é tão antiga esta caça

24. Frederico Barbarossa governou o Sacro Império Romano-Germânico de 1155 até a sua morte, em 1190.

25. Girolamo Mercuriale (1530-1606) foi professor de medicina nas universidades de Pádua, Bolonha e Pisa. A *Artis gymnasticae*, publicada em 1569, constitui um avanço dos estudos médicos dedicados ao exercício físico como forma de alcançar o equilíbrio saudável do corpo, depois do influxo das traduções latinas da obra de Galeno. Sobre estas últimas ver as notas 42 e 105.

26. Nascido nas primeiras décadas do século IV, o senador Júlio Fírmico Materno foi um escritor e astrólogo latino convertido ao cristianismo.

27. Constantino I foi imperador romano de 306 a 337, ano de sua morte. Segundo a *Chronographia* do professor de matemática André do Avelar: "A sexta monarquia [universal] começou em Constantino Magno, ano trezentos e doze, a este sucederam trinta e dois imperadores, e feneceu em Constantinopla, ano 782, depois do nascimento de Cristo" (André do Avelar, 1594, capítulo 66, p. 43v).

entre os árabes,²⁸ e usam tanto dela e na Pérsia, que se pode cuidar teve lá outro princípio mais antigo, principalmente quando vemos que já na Sagrada Escritura, parece, se faz menção dela, naquelas palavras de Baruch:

*Ubi sunt principes gentium, qui dominantur super bestias, quæ sunt super terram, qui in avibus cæli ludunt, etc.*²⁹

De ambas estas espécies da caça são várias as opiniões dos autores defendendo e condenando este exercício com diversas razões. E começando pelas dos que o louvam, assaz é notório quanto a caça foi sempre prezada dos maiores príncipes do mundo, não só bárbaros, mas ainda políticos, sustentando os mais deles grande número de monteiros e caçadores, e dando os ofícios mores da caça aos principais senhores de suas cortes.

28. Com. de Alb. [nota do autor, à margem]. Não foi possível identificar a obra citada.

29. Livro de Baruque, 3: 16-17 [nota do autor, à margem]. "Onde estão os príncipes das nações pagãs? Onde estão os domadores dos animais da terra? Onde estão os que brincam com as aves do céu..."

Foi a caça tida dos antigos por uma semelhança, e escola de guerra, e criavam nela seus filhos para depois virem a ser bons cavaleiros, robustos, esforçados, sofredores de trabalhos, desprezadores dos perigos e das injúrias do tempo.³⁰

Tal foi a criação de Aquiles, Ulisses, Diomedes, e dos heróis famosos, que se acharam na Guerra de Troia, segundo conta Xenofonte,³¹ o qual diz de Ciro:³²

30. Xenofonte, *De venator*, capítulo I, versos 1-10 [nota do autor, à margem]. A introdução de Michael Ehrmantraut ao tratado *Kunēgetikos* de Xenofonte (c.430-355 ou 354 a.C.), sobre a caça com cães, é uma excelente apresentação dos diversos temas constantemente associados a essa literatura: educação dos jovens, preparação militar e ciências naturais (Xenofonte, 2018, pp. 326-350).

31. Ulisses, o protagonista da Odisseia, e Aquiles e Diomedes, grandes heróis da Guerra de Troia, estão enumerados por Xenofonte entre os famosos caçadores da Antiguidade, todos como discípulos de Quíron (Xenofonte, *Kunēgetikos*, capítulo 1, 1-2).

32. Ciro II foi rei e fundador do Império Aquemênida, com centro no atual Irão, que governou de 559 a.C. a 530 a.C. Segundo a *Chronographia* do professor André do Avelar: "A terceira monarquia [universal], dos Persas, instituiu Ciro, [nos] anos de 531 antes do nascimento de Cristo, teve 14 reis e durou 202 anos" (André do Avelar, 1594, capítulo 66, p. 43v).

*Exercitationis autem bellicæ gratia eos (scilices nobiles) ad venationem, educebat, quos hæc exercere oportere existimabat, hanc ratus, et omnino bellicarum exercitationum optimam, et equestris verissimam.*³³

O próprio³⁴ se lê de Mitrídates,³⁵ rei de Ponto, e do nosso grande Viriato, conta Plínio,³⁶ e Floro,³⁷ que de caçador veio a

33. Xenofonte, *Cyropaedia*, livro 8, capítulo I, 34 [nota do autor, à margem]. "Para o treinamento na guerra, levava à caça aqueles (nobres escudeiros) que considerava que deveriam ter tal prática, estimando que era o melhor treinamento militar e também o mais autêntico para a equitação". Cf.: Xenofonte, 1987, p. 435.

34. Próprio: na aceção de o mesmo.

35. Mitrídates VI foi rei do Ponto de 120 a.C. a 63 a.C.

36. Plínio, livro 4, capítulo XXII [nota do autor, à margem]. Plínio descreve a província da Lusitania nos capítulos XXI e XXII, sem mencionar Viriato. No *Elogio de Évora*, Severim de Faria voltou a valorizar a importância do capitão dos portugueses: "Esta é a cidade, a cuja vista Viriato levantou os primeiros troféus dos desbaratados exércitos romanos..." (*Notícias de Portugal*, 1655, p. 289).

37. Floro, livro 2, capítulo XVII [nota do autor, à margem]. "Viriato sublevou os lusitanos, um homem de astúcia aguçada, que de caçador se tornou ladrão e de ladrão, capitão dos exércitos, e se a sorte o favorece, Rómulo da Espanha". A citação bibliográfica de Severim de Faria da obra *Gestis Romanorum, Historiarum, libro IIII*, do historiador e poeta latino Lúcio Aneu Floro (século I – século II),

ser capitão dos portugueses, defensor de Espanha, e outro Rômulo³⁸ dela. A esta causa atribui Salústio o valor de Iugurta.³⁹ E o mesmo se tem experimentado em muitos nobres e príncipes de Espanha.

Porque é a caça uma escola, e verdadeira semelhança de disciplina militar. Porque tem espias, atalaia, ciladas, corridas, ordenar, e repartir gente, dúvidas e conselhos, chegadas encobertas e, finalmente, peleja e batalha, e sobretudo vitória com a prisão ou morte do inimigo. É também a caça louvável exercício para a saúde⁴⁰ e por isso foi usada por

encontra correspondência também na edição com os comentários de Jan Van Ostaeyen, professor da Universidade de Lovaina, que D. Teotónio de Bragança doou ao Mosteiro da Cartuxa (na edição de 1583, na p. 72).

38. Segundo a tradição romana, Rômulo foi o primeiro rei de Roma, cidade que fundou com seu irmão Remo. Ver: Plutarco, *Vidas Paralelas*, 1985, pp. 205-215.

39. Entre as obras do poeta e historiador Caio Salústio Crispo (86 a.C.-34 a.C.) destaca-se a *Bellum Iugurthinum* que narra a vitória de Roma sobre o rei Jugurta da Numídia, hoje território da Argélia e Tunísia, entre os anos de 116 a.C. e 106 a.C. Na biografia de João de Barros, o chantage recorda como a obra do historiador romano foi um dos modelos do cronista (Severim de Faria, 1624, p. 25).

40. Mercuriale, *Artis gymnasticae*, livro 3, capítulo 15 [nota do autor, à margem].

aqueles grandes filósofos, e pais da medicina Quíron, Machaon, Podalírio, e Esculápio.⁴¹

De Galeno⁴² é grandemente louvada por tal, porque se faz correndo, andando, saltando, atirando, bradando, e com outras

41. Quíron, na mitologia grega, era um centauro célebre por seus conhecimentos medicinais. Entre os seus discípulos conta-se Esculápio, pai de Podalírio e de Macaão, ambos presentes na Guerra de Troia, onde prestaram serviço como médicos do exército ateniense, como narra Homero na *Ilíada*. Na abertura do *Kunegeticos* (capítulo 1, 1-2), Xenofonte conta como o conhecimento da caça com cães foi um presente de Apolo e Artemísia oferecido a Quíron, que o transmitiu a seus discípulos.

42. As traduções latinas dos estudos de Cláudio Galeno (c. 129-c. 217) diretamente do grego, impulsionaram o desenvolvimento da medicina enquanto disciplina científica nas primeiras décadas do século XVI (Richard J. Durling, 1961, pp. 230-305). Na biblioteca de D. Teodósio de Bragança, havia quatro obras de Galeno: um tratado sobre nutrição, *De Alimentorum Facultatibus, libri III*, traduzido por Joachim Martins e publicado em 1530; um de farmacologia, *De Theriaca Ad Pisonem Liber*, e outro sobre os batimentos cardíacos para os médicos principiantes, *Commentariolus De Pulsibus Ad Medicinæ Candidatos*, traduzidos por Johann Winter von Andernach, ambos de 1531; e um de higiene, *De Sanitate Tuenda, Libri Sex*, traduzido por Thomas Linacre, de 1549. Também de Galeno são os comentários sobre dois tratados de Hipócrates: *Hippocratis Cōi Medicorū Facile Principis De Natura Humana Libellus Medicinæ*, e *Liber De Salubri Diaeta*, ambos impressos em 1531. Com a morte do arcebispo, essas obras foram incorporadas na livraria do Mosteiro da Cartuxa de Évora.

semelhantes ações, que aqueçam o corpo, secam os sobejos humores, geram profundos sonos, cozem as cruizas do estômago e dão particular sabor aos manjares, como respondeu um Lacedemônio a Dionísio Siracusano,⁴³ o qual, sendo convidado em Esparta e dizendo que não achava sabor em uns guisados, que lhe deram de caça, tornou o Lacedemônio, que os achava sem gosto, porque não os caçara aquele dia.

Serve assim mesmo de exercício, para conservar a castidade, e por isso os Antigos adoravam a Diana, inventora da caça, por Deusa desta virtude, e Séneca introduz a Hipólito, por caçador casto, e desprezador da desordenada afeição de Fedra,⁴⁴ e

43. O tirano Dionísio I governou Siracusa de 405 a.C. até sua morte em 367 a.C.

44. Séneca, *Tragoediae*, Hipólito [nota do autor, à margem]. A tragédia narra a história da sedutora esposa do rei Teseu atraída pela beleza do jovem enteado Hipólito. As coleções da Biblioteca Nacional de Portugal guardam uma erudita edição das tragédias de Séneca, impressas em Paris, em 1514, com comentários, entre outros, de Erasmo de Roterdão, Josse Bade e Gellius Marmita, que pertenceu ao Mosteiro da Cartuxa de Évora (Biblioteca Nacional de Portugal: Res. 2294//1 A).

Horácio passa seu efeito até aos casados, como se vê naqueles versos:

*Manet sub Jove frigid,
Venator teneræ coniugis immemor.*⁴⁵

Donde Ovídio em seu *De remedio amoris*, entre outros remédios dá este por muito eficaz, dizendo:

*Vel tu venandi studium cole: sæpe recessit
Iuppiter a Phæbi victa sorore, Venus.*⁴⁶

Mostra-se na caça não pequena parte da indústria humana, fazendo disciplináveis cães, onças, leões e outros animais ferozes, doutrinando-os de maneira que, tomando a caça, não comem, antes a entregam fielmente aos caçadores, e que por lhes obedecer se oferecem à morte. E não é de menor maravilha o domesticar as aves de rapina, e sendo agrestes, acostamá-las a diversas reles,⁴⁷ e reduzi-las com tanta obediência, que

45. Horácio, *Odes*, livro 1, 1, versos 25-26 [nota do autor, à margem]. "Permanece o caçador sob o frio céu de Júpiter,/ esquecido da terna e jovem mulher." Seguimos a recente tradução de Pedro Braga Falcão: Horácio, 2022, p. 60.

46. Ovídio, *De remedio amoris*, versos 199-200. "Ou então cultiva a paixão pela caça: Vénus muitas vezes cedeu o lugar,/ vergonhosamente vencida pela irmã de Febo".

47. Reles: com o sentido de atividades insignificantes.

esquecidas de sua natural braveza, deixam os bosques e sua liberdade, e se sujeitem aos que caçam com elas, indo onde as mandam, e tornando-se a meter na prisão quando as chamam, coisa de que com razão se admira Plínio, e encarece muito a arte, que pode amansar a ferocidade das águias, de maneira que se cace com elas, e que tragam a presa a seus senhores, como diz que fazia uma em Sesto.⁴⁸

Deste exercício nasceu outro benefício incomparável para os homens, que foi a história dos animais que Aristóteles compôs, em que revelou tantos segredos da natureza, tantos remédios, e tantas indústrias para os mortais, como se

48. Plínio, livro 10, capítulo I e V [nota do autor, à margem]. "Muito célebre é a glória de uma águia, entre os habitantes da cidade de Sesto. Quando pequena foi sustentada por uma jovem, e depois de grande, pagou-a com agradecimento, trazendo-lhe primeiro aves, e depois os animais que caçava, e finalmente com a morte da jovem, se atirou na fogueira, e ali se abrasou com ela. Por essa causa fizeram os habitantes daquele lugar um templo aos heróis, que chamaram Heroum, em nome de Júpiter e daquela virgem, por que esta ave é dedicada a aquele deus." Cf.: Plínio Segundo, 1624, livro 10, capítulo 5, p. 672.

neles contêm, o que tudo alcançou dos caçadores, e criadores, que Ihe Alexandre mandou, de cujas relações, e experiências, compôs aqueles excelentes livros.⁴⁹

Por estas e outras boas qualidades escreveram, da arte da caça e seus louvores, muitos varões insignes, como foram Xenofonte, Pólux,⁵⁰ Opiano,⁵¹ o imperador Henrique

49. Plínio, livro 8, capítulo XVI [nota do autor, à margem]. “O rei Alexandre-o-Grande, desejoso de conhecer a história natural dos animais, confiou a realização deste estudo ao homem mais conhecedor nas diversas ciências, Aristóteles. Pôs então sob sua orientação, por toda a Ásia e Grécia, vários milhares de homens que viviam da caça, da criação de aves, da pesca, ou que mantinham viveiros, rebanhos, colmeias, tanques, aviários, de modo a que nenhuma espécie escapasse ao conhecimento. Depois de interrogar estes indivíduos, Aristóteles escreveu cerca de cinquenta volumes célebres sobre os animais” (Aristóteles, 2006, p. 14).

50. O 5º livro da obra *Onomástico* de Júlio Pólux, sofista e lexicógrafo grego do século II, trata sobre a caça e os animais.

51. O poema *Kynegeticon*, dividido em quatro canções, é atualmente atribuído a um autor desconhecido, denominado Pseudo-Opiano, que teria vivido no princípio do século II, durante o reinado de Marco Aurélio. Severim de Faria pode ter consultado a versão latina de Lorenzo Lippi, *Oppiani De Piscibus Libri V. Eiusdem De Venatione Libri IIII*, publicada em Veneza, em 1517, e doada por D. Teotónio de Bragança para o Mosteiro da Cartuxa de Évora.

VI,⁵² Dom Afonso II, rei de Castela,⁵³ o conde de Folx,⁵⁴ Angelo Bargeo,⁵⁵ Dom Fradique de Soto Maior, senhor de Alconchel,⁵⁶ e outros autores de nome.

Porém, pela parte contrária, não há testemunhos de menor consideração,

52. Federico II de Hohenstaufen (1194-1250) sucedeu ao pai, Henrique VI, como imperador romano-germânico, e escreveu o *De arti venandi cum avibus*, obra que, pela reunião de conhecimentos de ornitologia, é considerada uma das principais obras da literatura cinegética medieval.

53. Severim de Faria refere-se provavelmente a Afonso XI, rei de Castela e Leão, e ao *Libro de la montería del rey D. Alfonso XI*, escrito por volta de 1350 e publicado pelo poeta e historiador Gonzalo Argote de Molina, em 1582.

54. O *Livre de chasse* de Gaston III (1331-1391), conde de Foix e visconde de Bearne, uma das importantes referências medievais sobre a arte venatória, foi impresso três vezes durante o século XVI. Para a identificação e circulação dos manuscritos, ver: Baudouin Van Den Abeele An Smets, 1998, pp. 347-348.

55. O humanista e poeta italiano Pietro Angèli (1517-1596) publicou o poema *Cynegeticon* em 1561. Sobre a influência de Virgílio e do Pseudo-Opiano na obra do poeta florentino, veja-se o estudo de Guido Manacorda, 1905, pp. 28-33.

56. Primeiro marquês de Maribel e monteiro-mor do imperador Carlos V, Fradique de Zúñiga y Sotomayor é o reconhecido autor do *Libro de cetrería de caza de azor*, o primeiro tratado de cetraria escrito em língua espanhola a ser impresso em Espanha, em 1565.

antes, gravíssimos em toda a profissão, e o primeiro é São Jerónimo, que diz:

*Nom invenimus in scripturis sanctis,
sanctum aliquem venatorem.*⁵⁷

E assim Lamech,⁵⁸ Nembrot,⁵⁹ Ismael,⁶⁰ e Esaú,⁶¹ aos quais a Sagrada Escritura chama

57. Dist. 86 [nota do autor, à margem]. "Não encontramos nas Sagradas Escrituras nenhum santo caçador". São Jerónimo, *Sancti Hieronymi Presbyteri Commentarioli In Psalmos*, 1895, *De Salmo XC*, 9-13, p. 114. Severim de Faria recupera uma longa tradição exegética do texto bíblico que compara desfavoravelmente os caçadores criminosos com os pescadores santos (os apóstolos Pedro, Tiago, João e André).

58. Lameque, filho de Matusalém e pai de Noé assume-se orgulhosamente como um homicida vingativo (Génesis 4: 23).

59. Ninrode, filho de Cuxe, neto de Cam e bisneto de Noé, foi o poderoso caçador que se rebelou contra Deus e teria mandado construir a Torre de Babel (Génesis 10: 8-11). Segundo André do Avelar: "A primeira monarquia [universal] foi dos Assírios, começou aos 130 anos depois do dilúvio, e aos 2183 antes do nascimento de Cristo, sendo o fundador dela Nembroth, edificador da torre de Babilónia, acabou em Sardanapalo, teve 38 reis, durou 1357 anos" (André do Avelar, *Chronographia*, 1594, capítulo 66, p. 43v).

60. Ismael, filho de Abraão e Agar (Génesis 16: 2-3), foi arqueiro animoso, predestinado a viver em permanente conflito com os próximos (Génesis 16: 12-13).

61. Esaú, filho de Isaque e Rebeca, foi um exímio caçador que, desrespeitosamente, renegou a progenitura a troco de um prato de lentilhas (Génesis 25: 27-34).

robustos caçadores, são por testemunho das sagradas letras condenados como homens maus e facinorosos, e por tais eram tidos antigamente os tebanos, que tinham a caça por ocupação ordinária, donde saiu o provérbio dos gregos: *Não caçam senão os maus*. Faz a caça os homens carneiros e desumanos, e assim como matam sem piedade os brutos, o vem a fazer depois aos homens, como se tem visto muitas vezes em Espanha. Destroem os caçadores sem piedade as searas, passeando-as a pé e a cavalo com grande estrago delas e dano dos pobres lavradores.

É ocasião a caça de fazerem os príncipes rigorosas leis contra aqueles que a matam, de modo que em Sicília se mandou crucificar a um lavrador por matar um porco montês,

62. Valério, livro 6 [nota do autor, à margem]. A história protagonizada pelo pretor Lúcio Domicio está relatada na epítome de Júlio Paris, livro VI, capítulo 3 (Públio Valério Máximo, 2003, volume II, p. 292). Manuel Severim de Faria pode ter consultado a edição publicada em 1585, *Valerii Maximi dictorum factorum-que memorabilium libri IX*, com os comentários de Justo Lípsio, que pertenceu a D. Teotónio de Bragança e depois à livraria do Mosteiro da Cartuxa de Évora.

como conta Valério Máximo,⁶² e muitos foram justificados por tomar uma perdiz ou um coelho nas coutadas dos príncipes.

Fazem-se os caçadores com o trato do campo agrestes, e inimigos da conversação dos homens, como o dizia a ama de Fedra a Hipólito:

*Truculentus, et Silvester, et vitæ inscius
Tristem inventam Venere deserta colis.*⁶³

E como diz o nosso poeta:

*Por seguir um feio animal fero
Foge da gente, e bela forma humana.*⁶⁴

63. Séneca, *Tragoediae, Hipólito*, versos 461-462 [nota do autor, à margem]. "Truculento e selvagem, da vida inculto/ irás cultivar uma triste juventude, esquecido de Vénus?" Sobre as edições disponíveis na época, veja-se a nota 44.

64. *Os Lusíadas*, canto 8 [nota do autor, à margem]. A comparação com a obra do filósofo estoico é ainda mais clara se lembrarmos dos dois versos precedentes do canto 9, estância 26: "Via Actéon na caça tão austero,/ De cego na alegria bruta, insana,/ Que, por seguir um feio animal fero,/ Foge da gente e bela forma humana". No seu comentário à mesma estrofe, Faria e Sousa infere que o poeta luso não era aficionado da caça, e que seria próprio dos grandes homens de estudo evitar semelhantes exercícios (Luís de Camões, 1639, volume 2, coluna 53).

Até da própria casa; parece que andam fugindo, e quando nela ficam estão pesados e melancólicos, sem falar palavra; porque são costumados a bradar pelos campos sem autoridade nem respeito e, finalmente, como diz Claudiano, nem de dia, nem de noite os larga este seu cuidado:

*Venator defessa toro cum membra reponit,
Mens tamen ad sylvas, et sua lustra redit.*⁶⁵

Gasta-se na caça o tempo perdidamente e sem fruto, sendo este o mais precioso tesouro que os homens possuem, cuja perda é irreparável, porque não tem recuperação, e sendo o homem criado para a contemplação das cousas divinas, para ajudar pátria, parentes e amigos, é muito indigno de sua nobreza deixar estas ocupações e tomar por fim de suas ações e vida andar perseguindo e enganando um pequeno animalzinho.

65. Claudiano, *Panegyricus de sexto consulatu Honorii Augusti*, livro III, prefácio, versos 3-4 [nota do autor, à margem]. "Quando no leito, o caçador repousa os membros fatigados, / seu pensamento, sem freio, volta aos bosques e as suas gratas perseguições". O cónego de Évora mencionou também o poema épico *O rapto de Proserpina*, de Claudiano, na *Vida de Camões*, como termo de comparação no estudo da obra do poeta português (Severim de Faria, 1624, p. 108v).

Por estas e outras razões, vedaram as leis da Igreja aos clérigos a caça, e o Concílio de Orleães, seguindo o parecer de Santo Agostinho,⁶⁶ não somente proibiu, que não caçassem os clérigos, mas ordenou que os que o fizessem fossem privados do sacerdócio, e que os que não tinham chegado a essa dignidade, não pudessem ser admitidos a ele,⁶⁷ e pelas mesmas causas foram muitos príncipes condenados pelos escritores, por este exercício ser ocasião de muitas vezes perderam a fazenda, a honra e as vidas. Perdese a fazenda, porque não há renda que ature os excessivos gastos com cães, aves, cavalos e caçadores, em que

66. Severim de Faria parece referir-se à passagem do *De Civitate Dei* (livro XVI, capítulo 4) em que Santo Agostinho, na exegese do livro do Génesis, qualificou Ninrod, o gigante caçador, inimigo de Deus e construtor da Torre de Babel, como enganador, opressor e exterminador de animais terrestres. Cf.: Santo Agostinho, 2018, volume III, pp. 1.461-1.463. Sobre o rei Nembroth/Ninrod, veja-se a nota 59.

67. Entre os diversos decretos conciliares que regulavam a presença dos divertimentos na vida clerical, um dos mais importantes foi o do Quarto Concílio de Latrão, realizado sob o Papa Inocêncio III, em 1215, que decretou a proibição da caça e da falcoaria a todos os clérigos (canóne XV).

muitos vêm a se empenhar, vender seus patrimônios e cair em miserável pobreza; e por isso fingiam já os antigos que Actéon, grande caçador, foi despedaçado por seus próprios cães, e ele convertido em fera.⁶⁸

Perde-se a honra, porque os homens que têm por vida a caça mostram que são inábeis para a vida política e que, por não saberem conversar com os doutos e cortesãos, tratam com as feras, gastando com elas o tempo, porque lhes faltam partes para o empregar em outra ocupação honesta. Donde diz deles Francisco Petrarca:

Ad honestum igitur nihil idonei, sylvas colunt: non vitam solitariam acturi, cui non minus quam politicæ se ineptos sciunt, sed feris, ac canibus, et volucris com victuri, quod non facerent, nisi illis similitudine aliqua iuncti essent, qui si ex hoc voluptatem quandam, seu solam

68. Como castigo por surpreender a nudez de Diana no banho com as ninfas, Actéon foi transformado num cervo e morto pelos próprios cães, como narra Ovídio, *Metamorfoses*, livro 3, versos 138-252.

*temporis fugam quærunt, ut cunque
stulti voti compotes forsán evaserint.*⁶⁹

Por causa da caça, perdeu a reputação e o reino o último rei dos morávios, Esvatacapo,⁷⁰ e o imperador Domiciano,⁷¹

69. Diálogo 31. *De prospera e adversa fortuna* [nota do autor, à margem]. "Como se fossem inúteis para outro bem, retraem-se nos bosques, não para fazer vida solitária, para a qual não são menos insuficientes que para viver entre as gentes, mas para conversar entre as feras, cães e aves, o que não fariam se com elas não tivessem algum parentesco. E se isso fazem para alcançar algum prazer lenitivo ou só por perder tempo, bem creio que ainda que loucos, um e outro acharão." Francesco Petrarca, *De remediis utriusque fortune*, livro 1, diálogo XXXII. Severim de Faria pode ter consultado os exemplares da edição latina, organizada por Sebastian Brant e publicada em 1496, e a tradução de Francisco de Madrid, publicada em Sevilha, em 1524, que pertenceram a D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora, e depois ao Mosteiro da Cartuxa, agora nas coleções da Biblioteca Nacional de Portugal.

70. Esvatopluque I governou a Grande Morávia entre os anos de 871–894, uma região que atualmente faz parte da República Chéquia.

71. Tito Flávio Domiciano foi imperador romano de 81 até a sua morte em 96. A anedota das moscas foi contada pelo historiador Suetónio, na obra *Os doze césaes* (Suetónio, 2007, p. 432). Severim de Faria pode ter consultado a edição, com os comentários de Theodor Poelmann, publicada em 1574, ou a com os comentários de Livinus Torrentius, impressa em 1578, ambas doadas por D. Teotónio ao Mosteiro da Cartuxa de Évora.

que caçava até as moscas, e ao nosso rei Dom Afonso III chegaram a dizer os conselheiros, em seu princípio, que os reis nasceram para governar, e não para caçar, pelo que deixasse a caça, senão, que buscariam eles outro rei que os governasse.⁷² E, finalmente, entre os que ganharam glória, não se contaram nunca os caçadores porque só as virtudes, as armas, e letras fizeram ilustres e gloriosos os homens; como diz o poeta:

*Hic manus ob patriam pugnando vulnera passi:
Quique sacerdotes casti, dum vita manebat,
Quique pii vates, e Phæbo digna loquuti:
Inventas, aut qui vitam excolvere per artes
Quique fui memores alios fecere merendo.
Omnibus his nivea cinguntur tempora vitta.*⁷³

Dos muitos príncipes que perderam a vida na caça, ou por ocasião dela, estão as histórias cheias, e deixando os antigos

72. Duarte Nunes de Leão, 1600, pp. 135-135v. Ver a transcrição do episódio na introdução ao presente texto, pp. 9-11.

73. Virgílio, *Eneida*, livro 6, versos 660-665 [nota do autor, à margem]. "Lá, os feridos pela pátria,/ aqueles, os sacerdotes de vida casta,/ os pios trovadores, cujas canções mereceram o ouvido de Febo,/ os inventores das polidas artes,/ e outros que pelos trabalhos se fizeram memoráveis./ A todos nivea banda as fronteas orna."

Adónis,⁷⁴ Oriam,⁷⁵ Séfalo,⁷⁶ e Nizias,⁷⁷ célebres pelos poetas, bastem os exemplos do imperador Isacio,⁷⁸ de Dom Favila, rei de Espanha,⁷⁹ de Henrique VII, imperador de Alemanha,⁸⁰ de Venceslau, terceiro rei de Boémia,⁸¹ a quem pudéramos ajuntar o

74. O belo Adónis morreu ferido por um javali, durante uma caçada. Ovídio, *Metamorfoses*, livro 10, versos 708-739.

75. O grande caçador Órion, depois de ameaçar matar todos os animais da terra, foi morto por Ártemis e transformado por Zeus numa constelação.

76. Confundindo-a com uma presa, Céfalos matou inadvertidamente a sua amada Prócris com um dardo. Ovídio: *Metamorfoses*, livro 7, versos 794-862.

77. Para proteger a sua esposa Djanira, Hércules matou o centauro Nesso com o tiro de uma flecha. Ovídio: *Metamorfoses*, livro 9, versos 98-133.

78. Isaque I, imperador bizantino entre 1057 e 1059, foi o fundador da dinastia Comnena.

79. Fávila foi o segundo rei das Astúrias de 737 até sua morte em 739. Segundo a *Cronica de Alfonso III*, morreu prematura e acidentalmente enfrentando um urso durante uma caçada. Cf.: *Cronica de Alfonso III*, 1918, p. 67.

80. Henrique VII (1275-1313) foi conde de Luxemburgo, imperador do Sacro Império Romano-Germânico de 1308 a 1313, e rei dos romanos a partir de 1308.

81. Venceslau III da Boémia foi rei da Hungria e da Croácia (1301-1305) e rei da Boémia e da Polónia (1305-1306).

do nosso rei Dom Dinis, quando esteve em perigo de o despedaçar o urso junto a Beja, se lhe não socorrera milagrosamente São Luís, Bispo de Tolosa, como se vê da capela, e pintura, que por isso naquele sítio lhe dedicou.⁸²

Estas são as razões que se oferecem por uma e outra parte; resta dizer agora o que se deve seguir, para o que faremos três suposições: a primeira seja que a caça não é arte condenada nas sagradas letras, porque ainda que os caçadores, que na escritura se referem, não sejam tidos por bons, contudo não se segue daí que a arte seja má, assim resolvem comumente os teólogos, com São Tomás,⁸³ e o tem o padre Bento Pereira no

82. A tradição do milagre ocorrido em São Pedro de Pomares, na freguesia de Baleizão, em Beja, ficaria definitivamente consolidada em letra de forma por Francisco Brandão, um confesso admirador de Severim de Faria, na *Quinta parte da Monarchia Lusitana*, 1650, livro 17, capítulo XXI, p. 218v. Para uma descrição da ermida de São Luís, um dos templos rurais medievais mais interessantes do Alentejo, e das pinturas da caçada ao urso, realizadas nesses primeiros anos do século XVII, veja-se Fernando de Almeida, 1964, pp. 138-144, e Túlio Espanca, 1992, pp. 222-224.

83. São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, 1ª parte, questão 96, artigo 1 e 2.2 questão 64, artigo 1 [nota do autor, à margem]. Para o

capítulo 25 do Génesis, número 60, onde diz:

*Studium, e exercitium venandi non esse malum; neque obid culpabilem fuisse Esau ex ipsa scriptura colligi potest; quia hoc loco ait, Isaac valde fuisse delectatum venationibus Esau, atque ob eam causam præcipue dilexisse eum etc.*⁸⁴

A segunda suposição é que a caça se faz por dois fins, que são ou proveito público, ou recreação particular. A caça que se faz por proveito público são aquelas montarias que se ordenam contra as bestas feras, como leões, tigres, lobos, e assim as que se fazem contra outros animais daninhos, quais são raposas, lebres e coelhos; porque os animais

Doctor Angelicus, a caça é justa porque faz parte da ordem natural e da dependência hierárquica entre os seres vivos, ambas emanadas de uma finalidade prevista nos planos divinos.

84. "O estudo e o exercício da caça não é mau; nem pode ser inferido da Escritura que Esaú fosse culpado; pois neste lugar diz que Isaque ficou muito agradado com a perícia de caçador de Esaú e que, sobretudo por esse motivo, o amava" (Benito Pereira, 1599, volume 4, capítulo XXV, p. 33). O espanhol Benito Pereira (1535-1610) foi um dos grandes filósofos jesuítas, reconhecido pelas reflexões sobre as ciências naturais e a compatibilidade com os ensinamentos das Sagradas Escrituras.

bravos salteiam os homens e destroem os rebanhos, e os outros danam as sementeas, e assim esta caça, não somente é lícita, mas necessária, e quase natural, como já apontamos do filósofo.⁸⁵ E pelo valor que com estas feras mostrou David,⁸⁶ é louvado nas divinas letras, e nas humanas, Cadmo,⁸⁷ Teseu,⁸⁸ e Hércules, que andou pelo mundo; livrando muitos povos das moléstias que padeciam destas feras, como foi:

*O leão Cleoneu, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Hidra brava etc.*⁸⁹

85. Aristóteles é, por antonomásia, o filósofo.

86. A coragem do rei David manifestou-se desde jovem, quando, ao apascentar os rebanhos do pai, matava os animais ferozes que atacavam os carneiros (Livro 1 de Samuel, 17: 33-34).

87. Ao fundar Tebas, Cadmo matou o dragão que guardava o bosque sagrado. Ovídio, *Metamorfoses*, livro 3, versos 1-137.

88. Entre as maiores façanhas de Teseu, o fundador de Atenas, conta-se a morte do Minotauro no labirinto de Dédalo. Xenofonte enumera-o entre os grandes caçadores da Antiguidade, como discípulo de Quíron (Xenofonte, *Kunegetikos*, capítulo 1, 1-2).

89. Severim de Faria cita os versos d'*Os Lusíadas*, canto 4, estância 80. Como explicou Manuel Correa, na edição comentada da obra: "O leão matou Hércules na defesa Nemeia entre Argos e Corinto, junto a uma aldeia chamada Cleone, pelo que o poeta lhe chama aqui Cleoneu. Harpias eram aves de rapina com rostos de mulheres, das quais Virgílio trata na *Eneida* (livro 3), filhas de Netuno e da

E depois ordenaram as mesmas repúblicas que em seus tempos saíssem os povos, e fizessem estas montarias, de que se colheram, e colhem ainda hoje, grandes frutos, porque com elas fizeram os xarifés⁹⁰ habitar o reino de Tarudante⁹¹ em África, que os leões tinham desabitado e nos reinos de Congo, e Angola, saem por muitas vezes cada ano exércitos de gente de guerra, e seguram os caminhos dos tigres, que são os ordinários salteadores de estrada daquelas províncias. Com as dos ursos se extinguiram os muitos, que havia em Espanha, onde também não houvera já lobos, se se cumpriram inteiramente as ordenanças, que sobre isso são feitas. Das

Terra. Pelo que assim no mar, como na terra, faziam grandes males. Erimanto é um monte em Arcadia, onde Hércules matou um porco, que destruía toda aquela terra, e o levou às costas a Euriteu. Hidra era uma serpente na lagoa Lerneia de muitas cabeças, das quais, se lhe cortavam alguma, nasciam dobradas". Ver: Luís de Camões, 1613, p. 135, e também os comentários de Faria e Sousa: Luís de Camões, 1639, volume I, colunas 392-393.

90. Atualmente desaparecido, o xerifado ou xarifado foi uma forma de divisão e governo comum no mundo árabe, sob controle ou administração de um xerife.

91. A região de Tarudante é hoje uma província do sul do reino de Marrocos.

raposas se fazem em Alemanha muitas, e já nos Cantares as mandava matar a esposa, pelo dano das vinhas, dizendo: *Capite nobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas.*⁹² E Plínio⁹³ conta que às Ilhas Baleares mandou o imperador Augusto, uma legião de socorro, para matar as lebres que as tinham reduzido ao último estado, o mesmo fizeram por vezes, os coelhos na Ilha da Madeira, como conta João de Barros.⁹⁴

A terceira e última suposição seja que a caça que se faz por particular recreação também é lícita, porque, como o

92. Cântico dos Cânticos, 2:15 [nota do autor, à margem]. "Apanhai-me as raposas, as raposas pequeninas, que derrubam as vinhas."

93. Plínio, livro 8, capítulo LV [nota do autor, à margem]. "Coisa certa é que os habitantes destas ilhas Baleares pediram ao imperador Augusto gente de guerra contra a multidão de coelhos." Plínio Segundo, 1624, livro 8, capítulo LV, pp. 507-508.

94. João de Barros, *Décadas*, 1, capítulo II, 38 [nota do autor, à margem]. "A ilha do Porto Santo, deu o infante a Bartolomeu Perestrelo que a povoasse, o que lhe foi muito trabalhosa cousa, por causa dos coelhos que os moradores não podiam vencer; dos quais ainda hoje, em um ilheu que está pegado a ela, é tanta a multidão que parecem bichos, e passou já de tres mil uma manança que se neles fez." João de Barros, 1628, capítulo III, p. 8v.

entendimento não pode estar sempre em operação de cousas graves, é necessário aliviá-lo com algum divertimento e exercício corporal, este se alcança na caça; assim como a ação, como com a variedade dos sucessos, que nela acontecem, contendendo uns animais com outros, em que a seu modo se vem com grande alegria as agnições⁹⁵ e peripécias das tragédias. Porém para esta caça de recreação ser aprovada, e louvável, convém, que tenha estas condições com que os políticos e médicos a concedem, que são três.

A primeira, que há de ser de a caça de qualidade, que não haja nela manifesto perigo de vida, nem tal, que não adestre os caçadores para a guerra. A segunda, que não seja exercício ordinário senão a seus tempos devidos. A terceira, que os que a usarem com maior continuação não passem da idade de 25 anos até 30. Pelo primeiro preceito, se exclui da caça

95. Agnição: o reencontro e o reconhecimento entre duas personagens de uma peça teatral.

de recreação, a caça de animais bravos, pela qual foi Alexandre muito condenado quando se pôs a matar um leão, por se parecer com Hércules, do qual houvera de ser morto. E nas fronteiras de África custou semelhante recreação a vida a muitos dos nossos, que morreram despedaçados dos leões. Ainda, que o primeiro Conde do Redondo foi grande caçador deles, e matou muitos por suas mãos, como se vê na *História de Arzila*.⁹⁶ Mas por evitar semelhantes perigos, mandaram os nossos reis que os capitães daquelas fronteiras não sássem mais aos rebates de leão.

Portanto, resta somente a volataria e montaria ordinária, que se faz a pé, e a cavalo com cães, e armas. Esta, segundo

96. D. Vasco Coutinho (c. 1450-1522) foi 1º conde de Borba, 1º conde de Redondo e capitão de Arzila. É provável que Severim de Faria esteja a se referir ao manuscrito, hoje perdido, dos *Comentários da História de Arzila* no tempo de governo de António da Silveira, de Pedro de Andrade de Caminha, do qual possuía uma cópia, consultada por frei Luís de Sousa para a elaboração dos *Anais de D. João III*. Veja-se a introdução de David Lopes na edição impressa dos *Anais de Arzila*, de Bernardo Rodrigues, 1915-1919, volume 1, pp. XVIII-XIX.

Platão, é a principal caça, que se deve usar por recreação, como o mostra por muitas razões na sua República, as quais resolve com estas palavras:

Solum itaque terrestrium venatio, capturave, Athletis nostris reliqua est, atque harum, quæ dormientia animalia peculiari vocabulo nocturna vocata, persequitur segnibus convenit, nullamque meretur laudem, sicuti nec illa, quæ laborum intermissiones habens retibus, et laqueis, non laboriosi animi victoria ferarum robur, e vincere conatur. Unde solam illam optimam esse relinquitur, in qua homines quadrupedia equis, canibus, et propriis corporibus venantur, quos omnes superant illi, qui fortitudinis divinæ possessionem curantes, propriis manibus currendo, feriendo, et jaculando venationi operam navant, etc.⁹⁷

97. Platão, *De legi*, livro 7, *in fine* [nota do autor, à margem]. "Desta forma, resta aos nossos atletas somente a caça e captura de animais terrestres. Deste ramo da caça, a modalidade chamada de caça noturna, na qual a atividade é intermitente, sendo o trabalho

Pela segunda condição não há de ser a caça exercício ordinário, assim por não mostrar o caçador, que é inábil para a vida política (como já dissemos) como por ser muito prejudicial à saúde, e portanto a defende⁹⁸ rigorosamente Hieronimo Mercurial na sua *Arte Gymnastica*, ou dos exercícios, onde depois de dizer o dano que traz em ser contínuo o exercício da caça, adverte que não será nem no rigor das calmas, nem no dos frios, e lhe põem outras muitas condições, que ultimamente resume nestas palavras:

*Quicumque enim suarum virium
aeris, temporis, quantitatis, loci, et
moderationem aliquam habere volunt,
multa profecto eorum malos um*

de homens preguiçosos que dormem alternadamente, é aquela que não merece qualquer louvor, como tampouco merece o tipo no qual há intervalos para repouso durante a labuta, quando os homens dominam a força selvagem dos animais mediante redes e armadilhas em lugar de fazê-lo através do poder vitorioso de uma alma amante do esforço. Consequentemente, o único tipo de caça que realmente resta para todos, e o tipo melhor, é a caça aos quadrúpedes com cavalo e cães, quando os homens subjulgam todas as criaturas, correndo, golpeando e atirando com as próprias mãos etc." (Platão, 1999, p. 75).

98. Defende: com o sentido de restringe.

*vitare possunt, quibus ceteri casu se se exercentes subiiciuntur, eo magis quod venatio illud præcipuum in se habet, quod nula alia exercitatio in eum modum obtinuisse apparet; ut scilicet totum fere diem non raro sibi requirat. Unde aut venatores inte exercendum cibum capere, et a cibo magnos labores aggredi coguntur, quo valetudini nihil perniciosius esse potest, aut totam diem ieiunant, quod tametsi fortasse minus offendat, neque tamen ipsum noxa penitus caret, quando præter consuetudinem illud efficitur, nec nom postea adhuc præfame exsaturantur, ut ventriculum in concoquendo mirum in modum fatigent, ficque, et cruditates, et alia innumera mala subeant.*⁹⁹

99. Girolamo Mercuriale, *Artis gymnasticae*, livro 6, capítulo XIII, 307-308 [nota do autor, à margem]. "Pois quem deseja ter algum controle sobre os exercícios, sobre os ares, o tempo, a quantidade e o lugar, certamente pode evitar muitos desses males aos quais outros estão sujeitos, exercitando-se ao acaso, ainda mais porque a caça tem uma característica principal, que não se compara com nenhum outro exercício, pois frequentemente ocupa quase todo o dia. Portanto, ou os caçadores têm que levar comida consigo e são obrigados a empreender grandes esforços depois de comer, o que

O terceiro preceito da idade e partes do caçador, aponta Xenofonte brevemente, dizendo:

*Cum igitur pueris excesserint primum venandi studium obire oportet, de inde aliarum artium etc.*¹⁰⁰

E pouco depois:

*Oportet rei venatoriæ studiosum ætate annorum circiter viginti esse, statura sane agilem, e validum, animo vero patientem, ve laboris victor re ipsa lætetur.*¹⁰¹

Por onde o mesmo Autor, diz do seu Ciro, em quem quis dar um exemplo de perfeito príncipe:

pode ser extremamente prejudicial à saúde; ou jejuam o dia todo, o que, embora talvez seja menos ofensivo, não está isento de danos, pois contraria o hábito normal da alimentação, sem ficarem saciados, de modo que cansam o estômago e sofrem de indigestão e inúmeros outros males."

100. Xenofonte, *De venator*, livro 1, capítulo I [nota do autor, à margem]. "Ao terminar a infância, o primeiro exercício dos jovens deve ser a caça."

101. "Aquele que quiser se dedicar à caça, bom é que tenha cerca de vinte anos de idade, de corpo ágil e ao mesmo tempo robusto, mas paciente e hábil a superar alegremente qualquer fadiga." Xenofonte. *De venator*, livro 1, capítulo II.

*In adolescentiæ flore venandi maximo
desiderio tenebatur, et in pugnando ad-
versus bellicas pericula nulla fugiebat.*¹⁰²

Como este exercício requeira tantas forças e boa disposição, fica sendo muito prejudicial para os velhos, e para os magros e fracos de compleição, ou tocados de qualquer achaque, segundo Hieronimo Mercurial, e os mais médicos no lugar alegado, e assim não convém, nem a todos os mancebos. Donde o Poeta Latino, que em tudo falou advertidamente, chamou aos caçadores:

*Delecta iuventus.*¹⁰³

E para estes tais mancebos, convém somente a caça por exercício ordinário; assim porque aquela idade é a própria de aprender a destreza das armas, como porque, até então, são ainda aptos para a vida civil, e governo da República, na qual quando estiverem ocupados, poderão ter outros exercícios

102. Xenofonte, *Cyropaedia*, capítulo 1 [nota do autor, à margem]. "No auge da juventude, foi tomado por um grande desejo de caçar e, na luta contra as feras, não fugia de nenhum perigo."

103. Virgílio, *Eneida*, livro 8, verso 499 [nota do autor, à margem]. "Juventude eleita."

mais acomodados para entreter os gostos, e conservar a saúde, como é o fazer mal aos cavalos, a vetação,¹⁰⁴ ou andar nos coches a ver os prados fora das cidades, o jogo da pela; exercício próprio de cortesãos, aos quais diz o mesmo Galeno que é de muito maior proveito que a caça, como se vê no volume que dos louvores deste jogo escreveu.¹⁰⁵ Porém, como não há regra sem exceção, o que temos dito não tira usarem da caça os grandes, e governadores da República, quando nos dias feriados se retiram às suas casas do campo, como o fazem os reis de Espanha. E Santo Tomás, opúsculo segundo, livro segundo, capítulo sexto, aprova, e louva esse exercício aos de França e Inglaterra, porque o usavam com essa moderação.¹⁰⁶

104. Vetação: passear ou movimentar-se transportado por um animal.

105. A obra, conhecida como *De parvae pilae exercitio*, descreve o jogo do *harpastum*, praticado com as mãos e uma pequena bola. Tendo em conta as obras de Galeno adquiridas por D. Teotónio de Bragança, é provável que Severim de Faria esteja a se referir à edição que saiu com o título *De exercitatione, quæ pila suscipitur*, com tradução e comentários de Jacques Goupyl, impressa em Paris, em 1544.

106. São Tomás, opúsculo segundo, livro segundo, capítulo sexto [nota do autor, à margem].

Resumindo finalmente o que está dito, mostra-se ser a caça um exercício indiferente,¹⁰⁷ que pode ser lícita e louvável recreação, usando-a os mancebos nobres para se adestrarem para a guerra e fazerem robustos, mas não por profissão de vida, nem fora de seus convenientes limites.

*Quos ultra, citraquem, nequit consistere rectum.*¹⁰⁸

107. Indiferente: com o sentido de neutro.

108. Horácio, *Satire* 1, I, verso 107. "Há um limite, para além do qual, não se pode encontrar o justo."

COM QUE CONDIÇÕES SEJA LOUVÁVEL O EXERCÍCIO DA CAÇA

V A R I O S
D I S C U R S O S
P O L I T I C O S .

P O R

MANOEL SEVERIM DE FARIA
CHANTRE , E CONEGO NA SANTA
SE' DE EVORA.

FIELMENTE REIMPRESSOS

P O R

JOAQUIM FRANCISCO MONTEIRO
DE CAMPOS COELHO , E SOIZA.

*Da Livraria de Coll. de S. Rita
de Coimbra*



L I S B O A

NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

ANNO M. DCC. LXXXI.

Com lic. da R. Meza da Com. Ger. sobre o
Exame, e Censura dos Livros.

Bibliografia

Edições dos *Discursos vários políticos*

FARIA, Manuel Severim de. *Discursos varios politicos, Manuel Severim de Faria*. Évora: Manoel Carvalho, impressor da Universidade, 1624. Biblioteca Nacional Digital: <https://purl.pt/966>

_____. *Varios discursos politicos por Manoel Severim de Faria, fielmente reimpressos por Joaquim Francisco Monteiro de Campos Coelho e Soiza*. Lisboa: Oficina de Antonio Gomes, 1791. Internet Archive: <https://archive.org/details/variosdiscursosp00fariuoft/mode/2up>

_____. *Discursos varios politicos, Manuel Severim de Faria. Novamente reimpressos e corrigidos segundo a edição feita em Évora, 1624*. Lisboa: Impressão Regia, 1805. <https://books.google.pt/books?id=giFAAQAAMAAJ&hl=pt-PT&pg=PP5#v=onepage&q&f=false>

_____. *Discursos vários políticos, Manuel Severim de Faria*. Introdução, actualização e notas de Maria Leonor Soares Albergaria Vieira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.

Obras manuscritas

FARIA, Manuel Severim de. *Livro da noticia de Portugal e Estados sujeitos a sua coroa: em que se trata da milicia do reyno*. Tomo 20. Manuscrito. 1621-1626. BNL, códice 917.

VIDAS DE PORTUGUESES ILUSTRES. BNL COD. 13117. Biblioteca Nacional Digital: <https://purl.pt/26456>

Obras citadas

ALMEIDA, D. Fernando de. "A Capela de São Luís em São Pedro de Pomares", in *Arquivo de Beja*, 1964, volume XX-XXI, pp. 137-146.

AN SMETS, Baudouin Van Den Abeele. "Manuscrits et traités de chasse français du Moyen Age: recensement et perspectives de recherche", in *Romania*, 1998, volume 116, número 463-464, pp. 316-367. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/45039430>

ALVES, Hélio J. S. Manuel de Faria e Sousa e Manuel Pires de Almeida: uma contenda fundamental em torno de Camões, in AAVV, *Homenagem ao Professor Augusto da Silva*. Évora: Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, 2000, pp. 283-300.

ANGÈLI, Pietro. *Cynegetica item carminum libri II, Eclogae III*. Lião: Haeredes Sebast. Gryphii, 1561.

ARGOTE DE MOLINA, Gonzalo. *Libro de la Monteria que mando escreuir el muy alto y muy poderoso Rey Don Alonso de Castilla, y de Leon, ultimo deste nombre, acrecentado por Gonçalo Argote de Molina*. Sevilha: Andrea Pescioni, 1582.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

_____. *História dos animais*. Livros I-VI. Tradução, introdução e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

AVELAR, André do. *Chronographia ou reportorio dos tempos o mais copioso que te agora sayo a luz conforme a noua reformation do sancto Papa Gregorio XIII feito por Andre de Avellar. Nesta terceira impressão reformado & acrecentado pello mesmo author*. Lisboa: Simão Lopez, 1594.

BARROS, João de. *Decada primeira da Asia de João de Barros. Dos feitos que os portugueses fezerão no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1628.

BRAGA, Joana. *Francisco de Faria: catálogo*. Lisboa: Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, 2016.

BRANDÃO, Francisco. *Quinta parte da Monarchia lusytana que contem a historia dos primeiros 23 annos del Rey D. Dinis*. Lisboa: Oficina de Paulo Craesbeeck, 1650.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas do grande Luis de Camoens commentados pelo licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, dedicados ao Doctor D. Rodrigo d' Acunha, Inquisidor Apostolico do Santo Officio de Lisboa por Domingos Fernandez seu livreyro*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1613. Biblioteca Nacional Digital: <https://purl.pt/21863>

_____. *Lusíadas de Luis de Camoens, comentadas por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, i de la Casa Real*. 2 volumes. Madrid: Juan Sanchez, 1639.

CLAUDIANO. *Poemas*, 2 volumes. Edição de Miguel Castillo Bejarano. Madrid: Gredos, 1993.

COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de. *Tesoro de la lengua castellana, o española*. Madrid: Luis Sanchez, 1611. Biblioteca Digital Hispánica: Tesoro de la lengua castellana.

DURLING, Richard J. "A Chronological Census of Renaissance Editions and Translations of Galen", in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 1961, volume 24, números 3/4, pp. 230-305. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/750797>.

DUTRA, Francis A. "New Knights in the Portuguese Order of Santiago during the Mastership of Dom Jorge, 1492-1550", in *eHumanista*, 2002, volume 2, pp. 60-105.

ESPANCA, Túlio Espanca. *Inventário Artístico de Portugal Distrito de Beja*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1992.

FARIA, Manuel Severim. *Notícias de Portugal*. Lisboa: Oficina Craesbeeckiana, 1655.

FLORUS, Publius Annius. *De gestis Romanorum, historiarum Libri IIII: et seorsum in eos Commentarius Ioannis Stadii, historiae & matheseos Louanij professoris primi in quo obscura in lucem proferuntur, obmissa, suppleuntur, inversa restituuntur, breviter denique quidquid in Romana historia dignum est observatione, annotatur, unà cum variarum lectionum & castigationum rationibus*. Colônia: Ioannem Gymnicum, 1583.

GUICCIARDINI, Lodovico. *Descrittione di M. Lodovico Guicciardini, Patritio Fiorentino, di tutti i Paesi Bassi: altrimenti detti Germania Inferiore; con tutte le carte di Geographia del paese, & col ritratto naturale di molte terre principali; al gran re cattolico Filippo dAustria; con amplissimo indice di tutte le cose piu memorabili. Riveduta di nuovo, e ampliata per tutto piu che la meta dal medesimo autore*. Antuérpia: Palatino, 1583 [1567].

HORÁCIO FLACO, Quinto. *Los sermones. Contiene los sentidos moral, literal, y alegorico*. Tradução e comentários de Juan Villén de Biedma. Granada: Sebastian de Mena, 1599.

_____. *Quinti Horatii Flacci venusini poetae lyrici Poemata omnia, rerum ac verborum locupletissimus Index, studio et labore Thomae Treteri Posnaniensis collectus, et ad communem studiosorum utilitatem editus*. Francofurti: Andreae Wecheli heredes, Claudium Marnium et Ioannem Aubrium, 1600.

_____. *Odes e Epodos*. Tradução, introdução e notas de Pedro Braga Falcão. Lisboa: Tinta da China, 2022.

JOHNSTONE, Steven. "Virtuous Toil, Vicious Work: Xenophon on Aristocratic Style" in *Classical Philology*, 1994, volume 89, número 3, pp. 219-240. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/270616>

LEÃO, Duarte Nunes de. *Primeira parte das Chronicas dos reis de Portugal*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1600.

Biblioteca Nacional Digital: <https://purl.pt/15305>

LOPES, Virgílio. Os mosaicos da Antiguidade tardia em Portugal in **MACIEL**, M. Justino; **MOURÃO**, Cátia & GARCÍA, Jorge Tomás. *Imagens do paradisos nos mosaicos da Hispania*. Amsterdão: Adolf M. Hakkert, 2016, pp. 305-325.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana, histórica, critica e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da ley da graça até o tempo presente*. 4 volumes. Lisboa: Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759.

MANACORDA, Guido. "Petrus Angelius Bargaeus (Piero Angeli da Barga)" in *Annali della R. Scuola Normale Superiore di Pisa*, 1905, volume 18, pp. 1, 3-71, 73, 75-105, 107-131. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44115173>.

MENDES, Francisca. *Contributos para a reconstrução virtual da livraria do Convento da Cartuxa de Évora, 1587-1834*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2016.

MERCURIALE, Girolamo. *Artis gymnasticae apud antiquos celeberrimae, nostris temporis ignoratae, libri sex*. Veneza: Iuntas, 1569.

MUHANA, Adma. *Poesia e pintura ou Pintura e poesia: tratado seiscentista de Manuel Pires de Almeida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2002.

NÚÑEZ DE AVENDAÑO, Pedro. *Aviso de caçadores, y caça, con nuevas adiciones*. Madrid: Pedro Madrigal, 1593.

OVÍDIO. *Art of Love and others poems*. Tradução de J. H. Mozley, revista por G. P. Goold. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1929.

PEREIRA, Belmiro Fernandes. "Duas bibliotecas humanísticas: alguns livros doados à Cartuxa de Évora por Diogo Mendes de Vasconcelos e por D. Teotónio de Bragança", in *HVMANITAS*, 1995, volume XLVII, pp. 845-860.

PEREIRA, Benito. *Commentariorum in librum Genesis*. 4 volumes. Roma: Aloysium Zannetum, 1594.

PETRARCA, Francesco. [*Opera latina*] *Bucolicum carmen; De Vita solitaria; De Remediis utriusque fortunae; Secretum; De Vera sapientia; Rerum memorandarum libri; Invectivae contra medicum objurgantem; Epistolae familiares; Epistolae sine titulo; Epistola ad Carolum IV; Epistola de studiorum successibus ad posteritatem; Psalmi poenitentiales; De Viris illustribus*. Basel: Johann Amerbach, 1496. Biblioteca Nacional Digital: <https://purl.pt/32688>.

_____. *De los remedios contra prospera et adversa fortuna*. Tradução de Francisco de Madrid. Sevilha: Jacobo Cromberger, 1524. Biblioteca Digital Hispánica: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000094740>.

PIRES, Maria da Conceição Ferreira. *Os académicos eborenses na primeira metade de seiscentos: a poética e a autonomização do literário*. Universidade de Évora, tese de mestrado, 2003.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves. *A crítica camoniana no século XVII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALPE), 1982.

PLATÃO. *Leyes*. Tomo II. Tradução de Francisco Lisi. Madrid: Gredos, 1999.

PLÍNIO SEGUNDO, Cayo. *C. Plinii Secundi Historiae Mundi Libri Triginta Septem, Post Omnes Omnium Editiones Cum Vetustissimi Aliquot, Iisque Manu Scriptis Exemplaribus Diligentissime Collati. Annexae Sunt Praeterea In Calce Operis Castigationes Sigismundi Gelenij. Has Sequitur Index Longe Quam Locupletissimus*. Lugduni: ex officina Godefridi et Marcelli Beringorum Fratrum, 1548.

_____. *Historia natural de Cayo Plinio Segundo, traducida por el licenciado Geronimo de Huerta y ampliada por el mismo con escolios y anotaciones*. Madrid: Luis Sanchez, 1624.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas I. Teseo, Romulo, Licurgo, Numa*. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

PSELO, Miguel. *Vidas de los emperadores de Bizancio*. Tradução de Juan Signes Codoñer. Madrid: Gredos, 2005.

RODRIGUES, Bernardo. *Anais de Arzila, crónica inédita do século XVI*. Edição de David Lopes. 2 volumes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915-1919.

SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Tradução e transcrições de J. Dias Pereira. 3 volumes, 5ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

SÃO JERÓNIMO. *Sancti Hieronymi Presbyteri Commentarioli In Psalmos.* Edição de Germani Morin. Monumenta Ecclesiasticae Antiquitatis, volume III, pars I. Oxford: J. Parker & Soc. Bibliopolas, 1895.

SÉNECA. *L. Annae Senecae Tragoediae pristinae integritati restitutae per exactissimi iudicii viros post Auantium & Philologum, D. Erasmus Roterodamum, Gerardum Vercellanum, Aegidium Maserium, cum metrorum presertim tragicorum ratione ad calcem operis posita, Explanatae diligentissime tribus Commentariis, G. Bernardino Marmita Parmensi, Daniele Gaietano Cremonensi, Iodoco Badio Ascensio.* Paris: Impensis & Industria Ascensiana, 1514.

_____. *Tragedies.* Tradução de Frank Justus Miller. 2 volumes, 3ª edição. Cambridge: Harvard University Press, 1938.

SUETÓNIO. *C. Suetonii Tranquilli XII Caesares Theod. Pulmanni Croneburgij Opera & Studio Emendati. In Eodem Annotationes. Ex Doctissimorum Hominum Scriptis. Eiusdem C. Suetonij Tranquilli, De Illustribus Grammaticis, & Claris Rhetoribus, Lib. II. Cum Achillis Statij Lusitani Commentatione. Ioan. Baptistae Egnatii, D. Erasmi Roterodami, & Henr. Loriti Glareanus In Suetonium Annotationes.* Antuérpia: ex officina Christophori Plantini, 1574.

_____. *Laevini Torrentii In C. Suetonii Tranquilli XII Caesares Commentarii*. Antuérpia: ex officina Christophori Plantini, 1578.

_____. *Os doze césaes*. Tradução e notas de João Gaspar Simões. Lisboa: Assírio e Alvin, 2007.

VALÉRIO MÁXIMO, Públio. *Valerii Maximi dictorum factorumque memorabilium libri IX. Infinitis mendis ex veterum exemplarium fide repurgati, atque in meliorem ordinem restituti per Stephanum Pighium Campensem*. Antuérpia: Christophorum Plantinum, 1585.

_____. *Hechos y dichos memorables*. Introdução, tradução e notas de Santiago López Moreda, M. Luisa Harto Trujillo e Joaquín Villalba Álvarez. 2 volumes. Madrid: Gredos, 2003.

VASCONCELOS, José Leite de. *Severim de Faria: notas biográfico-literárias*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914.

VIRGÍLIO. *Bucolica Et Aeneis. Commentariis Tib. Donati Et Servii Honorati*. Basileia: Henrichum Petri, 1551.

XENOFONTE. *Xenophontis De Cyri Minoris Expeditione Libri VII*. Tradução de Romulo Amaseo. Bolonha: Io. Baptista Phaellus Bononiensis, 1533.

_____. *Scripta Minora*. Tradução de E.C. Marchant e G.W. Bowersock. Loeb Classical Library 183. Cambridge: Harvard University Press, 1925.

_____. *Ciropedia*. Edição de Ana Vegas Sansalvador. Madrid: Gredos, 1987.

_____. *The Shorter Writings*. Edição de Gregory A. McBrayer. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2018.
Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctt1w0dbws>



Editora Aflições Climáticas, 2025

CHAIA

CENTRO DE HISTÓRIA DA ARTE
E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA



EDITORA AFLIÇÕES CLIMÁTICAS
COLEÇÃO ENSAIOS EXEMPLARES